

REPERTÓRIOS DE LEITURA: O QUE REFLETE E O QUE REFRATA NA ESCRITA DA CRIANÇA

Lorena Bischoff Trescastro¹
Ana Paula Sfair Sarmento Carvalho²
Maria Cleonice da Silva³

Resumo: Este estudo, fundamentado em Bakhtin (2009) e Santaella (2003), investiga o que reflete e o que refrata na escrita infantil dos repertórios de leitura, trabalhados em sala de aula, para mediar a produção de texto por crianças do 3º ano do Ensino Fundamental. De modo geral, foram as memórias discursivas das atividades de leitura de obras literárias que refletiram e refrataram nos textos infantis.

Para iniciar

O presente estudo tem por objetivo investigar o que reflete e o que refrata na escrita infantil dos repertórios de leitura, trabalhados em sala de aula, para mediar a produção de texto no 3º ano do Ensino Fundamental. O nosso interesse em realizar este estudo adveio do trabalho que realizamos como formadoras de professores alfabetizadores. Uma das questões que, comumente, professores alfabetizadores nos fazem na formação é ‘como ensinar as crianças a escrever textos?’.

Nossa hipótese para responder a essa questão é de que o trabalho de alfabetização deve proporcionar às crianças a interação, mediante atos de leitura, com um amplo repertório de textos, principalmente, de textos literários, incluindo poemas, cantigas, lendas, fábulas e contos infantis. Tais textos possibilitam às crianças acesso à cultura escrita e, assim, quando solicitadas a escrever, elas podem acessar da sua memória textos conhecidos como suporte para aprenderem a escrever. Foi, justamente, isso que nos chamou a atenção ao lermos um conjunto de textos de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental que tomamos como *corpus* de pesquisa.

Baseada na concepção imagética e paradoxal de signo, como algo que é ele mesmo e um outro, num sentido de duplo, este estudo está fundamentado em Bakhtin (2009) e Santaella (2003). Segundo Bakhtin (2009, p. 47) “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata”. A esse respeito, Santaella (2003, p. 60) explica que “todo signo é, em maior ou menor medida, uma espécie de imagem especular: o signo não é apenas um corpo físico que habita a realidade, mas também é capaz de refletir essa realidade de que ele é parte e que está fora dele”. Essa abordagem evidencia a mútua influência do signo e do sujeito, como se fosse uma passagem do sujeito ao signo, enquanto um processo de refração, no qual o sujeito se projeta e ao mesmo tempo se vê no texto.

Partindo desse pressuposto, analisamos vinte e quatro textos escritos por crianças em contexto escolar. Entendemos que tal escrita não resulta de um ato individual, mas de uma prática social, pois o signo resulta do processo de interação entre os sujeitos socialmente organizados. Sendo assim, a conformação dos textos, produzidos pelas crianças em sala de aula, depende tanto da condição social dos sujeitos, enquanto professor e aluno(s), como também das condições de produção desses textos, que podem ser mediações de leitura e atividades de escrita, que do modo como são encaminhadas influenciam as crianças na produção de textos.

¹ Centro de Formação de Professores-SEMEC, Belém, Pará, Brasil. E-mail: lbtrescastro@hotmail.com.

² Centro de Formação de Professores-SEMEC, Belém, Pará, Brasil. E-mail: anapsfair@gmail.com.

³ Centro de Formação de Professores-SEMEC, Belém, Pará, Brasil. E-mail: kleo.tika@gmail.com.

E é, justamente, uma das tarefas da educação estudar como determinadas condições podem favorecer o desenvolvimento da escrita de crianças em processo de alfabetização. Neste trabalho, em particular, nosso interesse se volta para os repertórios de leitura que as crianças evocam em textos escritos em sala de aula.

Contexto e procedimentos da pesquisa

O *locus* da pesquisa foi uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e quatro crianças, de 8-9 anos de idade, sendo doze meninos e doze meninas, de uma escola pública municipal de Belém-PA. Por se tratarem de documentos originais e autênticos, os vinte e quatro textos das crianças que compõem o corpus do estudo podem ser classificados como fontes primárias (NUNES, 2006). Na análise, foi feito um levantamento do repertório escolhido pela criança ao escrever o texto. E, para dar visibilidade ao que foi predominante nos repertórios de leitura das histórias que as crianças escreveram, foi produzido um gráfico da frequência de tais escolhas.

A atividade de escrita foi realizada em sala de aula, no dia 28 de agosto de 2017, a partir da seguinte consigna: ‘Escreva um texto sobre uma lenda que você conhece’. A palavra consigna, neste trabalho, é usada para se referir ao comando escrito da atividade escolar que as crianças foram solicitadas a realizar. Por não apontar uma lenda específica para se escrever, a consigna possibilitou uma abertura para que o autor-criança buscasse em suas memórias discursivas uma história para ter o que escrever em sua produção, assim, esse corpus possibilita observar que os textos escolares, escritos pelas crianças em tais condições de produção, refletem e refratam vivências de leitura que as crianças tiveram em sala de aula.

Análise dos dados: o que reflete e refrata nas vozes infantis

Foram duas questões que nortearam a análise dos textos infantis: Que história cada criança escolheu para escrever o texto em resposta à consigna da atividade? Que repertórios de leitura as crianças recorreram para realizar a atividade de escrita? De modo complementar e articulado, a primeira questão busca investigar a escolha de cada criança em particular; já a segunda pretende identificar em conjunto os repertórios de leitura que vêm sendo trabalhados em sala de aula pela professora. Na análise dos dados, podemos constatar quatro histórias escritas pelas crianças, a saber: Matinta Pereira, O grande rabanete, Saci Pererê e A lenda do Boto.

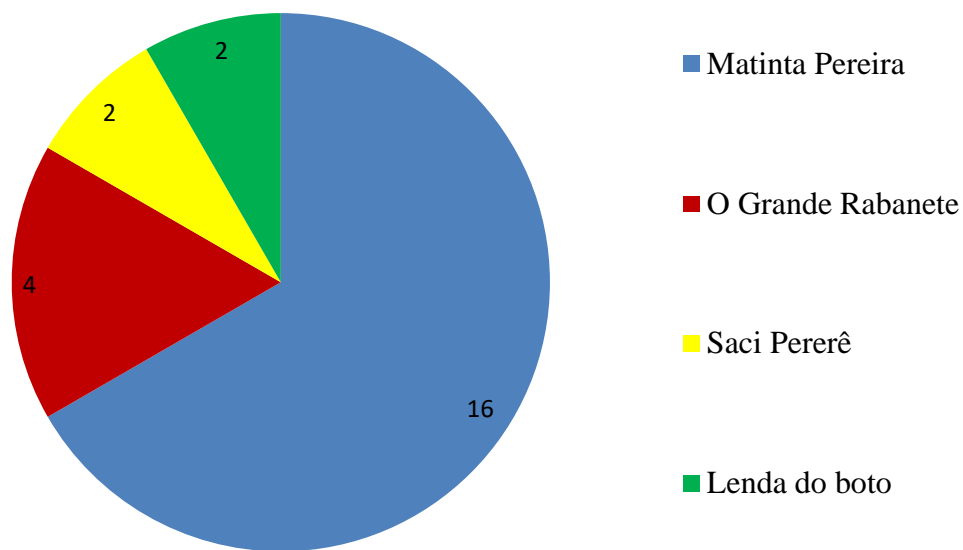


Figura 1: Repertórios de leitura (Dados da pesquisa, 2018)

Conforme podemos observar na Figura 1, dos vinte e quatro textos analisados, dezesseis textos narraram uma versão da lenda da ‘Matinta Pereira’. Em quatro textos, as crianças escreveram a história do conto por acumulação ‘O Grande Rabanete’, que também foi uma história trabalhada na turma. Duas crianças escreveram sobre a lenda do ‘Saci Pererê’ e duas escreveram a lenda do ‘Boto’. Em relação ao gênero discursivo, conforme solicitou a consigna, predominou a escolha do gênero lenda com vinte ocorrências; no entanto, houve outro gênero escolhido: o conto, com quatro ocorrências.

Dentre os textos do corpus, escolhemos dois textos, um de uma criança que escreveu a lenda da Matinta e outro do conto O grande rabanete. A escolha dos textos se deu por se tratarem das histórias com maior número de ocorrência e por este texto, em particular, apresentar mais elementos da história que, de certa forma, se repetiram nos textos das outras crianças que escreveram a mesma história. Os textos infantis foram transcritos, em uma versão normalizada, e os nomes atribuídos na sua identificação são fictícios para preservar a identidade da criança.

Sobre a Matinta Pereira, em suma, essa lenda amazônica tem por personagem uma mulher idosa e assustadora que usa vestimentas escuras. Conta a lenda que a Matinta passa a noite pela rua assobiando e amedrontando as pessoas. Para não serem ameaçadas, as pessoas devem oferecer tabaco ou café para a Matinta. Em algumas versões, ela se transforma em um pássaro. Tais elementos da história podem ser observados no texto de Júlia.

Transcrição 1 - Júlia, 8 anos

Matinta Pereira

Era uma vez uma mulher que se chamava Matinta e ela se transformava em um pássaro, pedia tabaco e café nas casas das pessoas e se não desse para ela tabaco e café, ela arranhava as pessoas jogando um feitiço, deixando as pessoas três dias com febre e saía dizendo:

- Quem quê? Quem quê?

Se a pessoa dissesse eu quero, aquela Matinta morria

e a pessoa virava Matinta Pereira e ela ia fazer a mesma coisa que a Matinta antiga fazia. Ia pedir tabaco e café... Além disso, se transformava em pássaro. Todas as Matintas iriam fazer a mesma coisa.

O texto de Júlia reflete elementos da história conhecida, seja porque a menina já ouviu alguém contar a história ou porque essa lenda já foi trabalhada na escola. De qualquer forma, o que se vê no texto da criança é um movimento em que “a palavra vai à palavra” (BAKHTIN, 2009, p. 154), ou seja, a palavra antes ouvida agora se mostra refletida em um texto da atividade escolar. A predominância dessa lenda na escrita das crianças dessa turma se deu porque a lenda foi trabalhada em uma sequência didática no mês de agosto, mês em que se deu a produção escrita. Trata-se, portanto, de uma lenda conhecida, recentemente, explorada em sala de aula em diferentes atividades de leitura e escrita.

Outra história trabalhada em sala de aula foi o livro ‘O Grande Rabanete’, de Tatiana Belinky (2002), ilustrada por Claudius, publicado pela Editora Moderna, que conta a história de um rabanete gigante plantado na horta por um vovô. Devido seu tamanho, os avós não conseguem colher o rabanete, então outros personagens se unem aos avós na tentativa frustrada de arrancá-lo da terra: a netinha, o cachorro, o gato... Só quando eles se unem a um ratinho, conseguem realizar a colheita. Cada vez que entra um novo personagem na história, parte da narrativa se repete, caracterizando o aspecto acumulativo do texto. Sobre as características da obra, destacamos que

as histórias com acumulação apresentam um evento desencadeador da narrativa, que a partir daí é contada de maneira repetitiva, ou seja, a mesma ação é realizada por diversos personagens e a repetição de um mesmo acontecimento se dá por acumulação: surge um personagem, que não consegue resolver a questão levantada pela história, aparece outro, que também não consegue, e assim sucessivamente. (TRILHAS, 2011, p. 2).

Devido os trechos que se repetem, esse tipo de história favorece a memorização do texto pelas crianças, permitindo-as participar da atividade de leitura, fazendo antecipações. Além disso, as ilustrações do livro trazem informações que confirmam e complementam o texto, favorecendo assim a memorização da história pela criança, conforme mostra o texto de Isabel.

Transcrição 2 - Isabel, 8 anos

O grande rabanete

Numa tarde o vovô saiu para horta para plantar um rabanete e voltou para casa e então logo escureceu. De manhã o vovô foi pegar o rabanete e quando viu o rabanete estava grande e o vovô começou a puxar. Puxa que puxa e nada do rabanete sair da terra. Então o vovô chamou a vovó. Então os dois começaram a puxar. Puxa que puxa e nada do rabanete sair da terra. Então a vovó chamou a neta. E começaram a puxar. Puxa que puxa e nada do rabanete sair da terra. Então a neta chamou o Totó. E começaram a puxar. Puxa que puxa e nada do rabanete sair da terra. E então o Totó chamou o gato. E então começaram a puxar. Puxa que puxa e nada do rabanete sair da terra. Então o gato chamou o rato. E começou a puxar e o rabanete saiu da terra. Então o rato começou a se gabar.

Como se vê, o texto de Isabel apresenta uma história conhecida, pois foi lida e trabalhada em sala de aula com as crianças. As características da história com acumulação, provavelmente, favoreceram a sua memorização, uma vez que a menina a escreveu na íntegra. Com isso,

destacamos que esse tipo de história é um bom repertório de leitura para ajudar as crianças a memorizar histórias e a reproduzi-las, quando solicitadas a escrever.

De modo geral, foram as memórias discursivas das atividades de leitura que refletiram e refrataram nos textos infantis. Como as histórias que as crianças escreveram já tinham sido trabalhadas pela professora da turma, salientamos a relevância da mediação de leitura para a produção escrita na alfabetização de crianças, porque “a forma como estão escritos os livros infantis ajudam os leitores a dominar muitos aspectos necessários à compreensão leitora, em geral, e para a compreensão literária, em particular” (COLOMER, 2007, p. 73).

A esse respeito concordamos com Zilberman (2003, p. 16), quando afirma que “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária”. De acordo com a autora, os eventos em sala de aula podem transformar a literatura infantil em um ponto de partida para o diálogo a ser estabelecido entre a criança e o livro. A leitura feita pela professora possibilita à criança compreender que o livro conta uma história completa, de modo coeso e coerente, cuja linguagem apresenta características próprias de um texto escrito. Além de incentivar à leitura de textos literários, esse trabalho na escola ajuda as crianças a aprenderem a escrever seus próprios textos.

Para concluir

As histórias que as crianças escutam ou leem refletem e refratam nas vozes infantis. Com o estudo, destacamos a importância do trabalho de leitura na escola, com uma variedade de obras literárias que forneçam à criança repertórios de narrativas para a produção textual, bem como de consignas abertas que possibilite à criança escrever textos de memória, assim a escrita de uma diversidade de textos (lendas e contos).

Por fim, podemos dizer que um trabalho escolar sistemático de leitura de obras literárias para as crianças, com elas e por elas mesmas, no dia a dia da sala de aula, pode favorecer o processo de alfabetização, pois além de torná-las partícipes do mundo letrado, cria condições para que as crianças possam escrever com autonomia e desenvolver a linguagem escrita, uma vez que conhecendo diversas histórias, elas ampliam o repertório de temas para escrever como também para compreender as características dos textos escritos.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

NUNES, A. A. Fontes para a história da educação. *Dossiê Temático: fontes documentais para a História da Educação*. Práxis Educacional. Vitória da Conquista, n. 2, p. 187-206, 2006.

SANTAELLA, L. *Cultura das mídias*. 3. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

TRILHAS. *Caderno de orientações: histórias com acumulação*. São Paulo: Ministério da Educação, 2011.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.